A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA VOZ DO PROFESSOR

Léslie Piccolotto Ferreira - PUC-SP - lesliepf@pucsp.br
Susana Pimentel Pinto Giannini - PUC-SP - ppgiannini@uol.com.br
Maria do Rosario Dias de Oliveira Latorre – FSP-USP - mdrddola@usp.br

Resumo:

Tem-se observado aumento da violência nas escolas, porém, com poucas referências de sua conseqüência na saúde do professor. Um dos principais problemas dessa natureza são os distúrbios de voz e não há estudo que relacione a influência da violência neste agravo. ***Objetivo:*** verificar a influência da violência na escola na ocorrência de sintomas vocais em professores do município de São Paulo. ***Método:*** questionário com 422 professores relacionou a auto-referência de sintoma vocal e a presença de violência na escola. A análise estatística utilizou teste qui-quadrado, sendo alteração vocal a variável dependente e situações de violência, as independentes. Para verificar se essas mantinham significância ($p<0,05$), independente do sexo e tempo de profissão, realizou-se análise múltipla por modelo de regressão logística. ***Resultados:*** 60,0% referiram ter sintoma vocal, sendo os mais referidos garganta seca, rouquidão e cansaço ao falar. As situações de violência mais mencionadas foram indisciplina, pichações e brigas. Em sala de aula, a alteração vocal esteve estatisticamente associada à ameaça ao professor; no ambiente escolar em geral, às manifestações de racismo, agressões, insultos, violência à porta da escola, violência contra funcionários. Todas variáveis permaneceram estatisticamente associadas à alteração vocal na análise múltipla. ***Conclusão:*** O ambiente escolar tem sido, cada vez mais, um espaço de confrontos e, dessa forma, é possível supor o padecimento e conseqüente adoecimento daqueles que nela estão inseridos. A crise da autoridade docente parece ser o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar, sendo a voz do professor um dos principais instrumentos utilizados na mediação entre seus alunos. Neste estudo, as situações de violência estão estatisticamente associadas à presença dos sintomas vocais em

professores, independente da idade, sexo e tempo de exercício profissional. Observa-se que entre os fatores associados à presença de distúrbio de voz destacam-se aqueles que representam violência direta contra o professor, como manifestação de racismo, agressão, insulto, violência à porta da escola e violência contra os demais funcionários, mais do que contra a instalação física ou aos materiais escolares. Os resultados indicam que os educadores têm se tornado, gradativamente, reféns das ações de violência cotidianas que instalam medo, humilhação, ressentimento e contribuem para seu adoecimento.

Palavras –chave: Docentes, Distúrbios da voz, Violência

Introdução

A violência cotidiana é um tema que tem sido a cada dia mais apresentado na literatura. Mesmo sendo incompatível, trabalhos têm sido desenvolvidos correlacionando violência e escola, e evidenciam questões que merecem atenção de todos os atores envolvidos. A desigualdade e a exclusão social acabam por se constituir nos principais aspectos que explicam a presença cada vez maior da violência no ambiente escolar[1]. Queixas freqüentes relacionadas à indisciplina, à apatia nas relações, às ameaças, à presença de muros e grades, à depredação são exemplos dessa violência [2].

Neste estudo, o professor estará em destaque, por ser aquele que torna-se refém dessa situação, por enfrentar, a cada dia, pressões e conflitos diversos.

Dentre as situações de violência, identificadas como as mais freqüentes, pode-se destacar: as depredações, furtos ou roubos que atingem o patrimônio; as agressões físicas entre os alunos; e as agressões de alunos contra os professores [3] .As práticas de agressão, tanto entre os alunos como contra os professores, são mais comuns em estabelecimentos de grande porte e nas capitais. Os efeitos de roubo e depredações são mais evidentes e fortes nas escolas públicas, pois, quanto maior a agressão

sofrida pela escola, piores são os seus índices de rendimento, atingindo, sobretudo as 4as e 8as séries do ensino fundamental[4].

Em pesquisa realizada em escolas públicas e particulares, do Rio de Janeiro[5] foram registrados, entre os alunos, problemas relacionados às discussões, agressões físicas, ameaças e ao uso de drogas, enquanto entre os educadores, agressões verbais, depredações, ameaças e intimidações. De maneira semelhante, em cidades mineiras[6], altos índices em relação ao uso de drogas, depredações e pichações, ameaça de gangues, arrombamentos, e furtos a alunos foram destacados. Ao pesquisar os professores do município de São Paulo, Mattos (2005)[7] observou que os sentidos da violência para os educadores são múltiplos e contextualizados. Quando presentes em alguns discursos trazem implicações para o cotidiano escolar por favorecer práticas que ora podem ser excludentes, ora paternalistas. De modo geral, os educadores consideraram violência não conseguirem cumprir a missão primordial da escola que é educar.

Imerso nesse ambiente de violência, é possível imaginar que problemas de saúde possam emergir nos professores, entre esses, o distúrbio de voz. Para tal, duas premissas podem ser consideradas: de um lado, pensar que a voz é a principal forma de comunicação do professor, e se constitui em importante instrumento de trabalho, com uso intenso por parte desse profissional; por outro, considerar a voz como objeto de expressão, que carrega a emoção e revela a identidade pessoal e social de quem a produz. Nessa direção, é previsível que as condições de trabalho, quer de natureza física, quer organizacional, interfiram na produção da voz[8]. O resultado dessa condição pode ser constatado na alta prevalência de sintomas vocais nos professores[9] e, dentre os vários sintomas referidos, os mais citados, em geral, são rouquidão, cansaço ao falar e garganta seca[10].

Dentre as pesquisas que abordam a questão dos distúrbios de voz do professor[11], faz-se presente em maior número aquelas que se direcionam e evidenciam a relação da voz com os aspectos físico-ambientais da escola. Poucos, porém, são os estudos voltados para analisar a interferência dos fatores da organização do trabalho escolar e, mais especificamente, os relacionados à violência presente nas escolas[10].

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi verificar a influência da violência na ocorrência de sintomas vocais em professores de ensino fundamental e médio de escolas municipais no município de São Paulo.

Método

O estudo foi realizado com professores da rede municipal de ensino de São Paulo. Para o cálculo do tamanho da amostra foi assumida prevalência de distúrbios vocais de 60% entre os professores, erro de 5% e intervalo de confiança de 95%. Sendo assim, seriam necessários 365 professores, acrescentando-se 10% de forma a compensar eventuais perdas. Do total de 31.825 professores, distribuídos em 30 distritos, foram sorteadas as escolas que fariam parte desta pesquisa e estabelecido o número de 15 professores por escola, totalizando 450 sujeitos. Desses, 28 não completaram o questionário ou faltaram no dia da entrevista. Desta forma, a amostra final consistiu de 422 professores.

Foi feito contato com os professores que, ao aceitarem participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Nesse momento foi entregue um questionário com questões referentes a dados sócio-demográficos; auto-identificação de presença, no presente ou passado, de alteração de voz, e em caso afirmativo, especificação do sintoma vocal; e referência da presença de violência no ambiente escolar. Os sujeitos podiam apontar mais de um sintoma (por meio da pergunta "Quais sensações relacionadas à garganta e à voz você tem atualmente?") e os mais indicados foram a presença de garganta seca, cansaço ao falar e rouquidão (sim=1, não=0). As variáveis independentes foram compostas de características demográficas (sexo e idade), ocupacionais (tempo de professor, tipo de escola e vínculo na escola) e a referência de situações de violência no ambiente de trabalho (coletada por meio da pergunta "Assinale quais das situações de violência relacionadas já ocorreram na escola e com que freqüência"), a saber: depredações, roubo de objetos pessoais, roubo de material da escola, ameaça ao professor, intervenção da polícia, manifestação de racismo, indisciplina em sala de aula, brigas, agressões, tiros, insultos, violência à porta da escola, violência contra os funcionários,

problemas com drogas e pichações. O questionário foi recolhido uma semana após o primeiro contato.

Após a digitação dos dados, foi realizada análise estatística, que considerou como variável dependente a referência de presença de alteração vocal e, como variáveis independentes, as diversas situações de violência. A análise estatística foi feita, primeiramente, pelo teste de associação pelo qui-quadrado. Foram considerados fatores associados, estatisticamente, a presença de alteração vocal às variáveis com $p<0,05$. Para verificar se tais variáveis mantinham sua significância independente das variáveis sexo e tempo de profissão, foi feita a análise múltipla utilizando modelo de regressão logística.

Resultados

Foram analisados 422 professores, sendo a maioria do sexo feminino (92,9%). A idade variou de 24 a 69 anos, com média de 40,5 anos (desvio padrão de 8,83 anos) e mediana de 39 anos. O tempo de trabalho como professor variou de 2 a 40 anos, com média de 16,0 anos (desvio padrão de 6,9 anos) e mediana de 15,0 anos. Boa parte trabalhava somente na educação infantil (232 professores; 55,0%) e era professor efetivo com único vínculo ou associado a outros (318 professores; 75,4%).

Entre os professores pesquisados, 60,0% referiram ter, no presente ou passado, apresentado algum tipo de alteração vocal, sendo mais referidas garganta seca (33,9%-143), rouquidão (31,5%-133) e cansaço ao falar (30,1%-127).

Dentre as situações de violência, as mais mencionadas foram indisciplina (183-43,3%), pichações (150-35,5%), brigas (145-34,4%), insultos (132-31,3%), roubos de material escolar (130 - 30,8%), agressões (127 - 30,1%) e depredações (125 - 29,6%).

Das situações de violência ocorridas dentro da sala de aula (Tabela 1), a ameaça ao professor esteve estatisticamente associada à referência de presença de alteração vocal ($p=0,043$). Das situações ocorridas no

ambiente escolar em geral, incluindo a sala de aula (Tabela 2), foram associadas estatisticamente à referência de alteração vocal a manifestação de racismo (p=0,029), agressões (p=0,009), insultos (p=0,029), violência à porta da escola (p=0,005) e a violência contra os funcionários (p=0,042).

Das situações citadas, permaneceram estatisticamente associadas à referência de alteração vocal, a ameaça ao professor freqüente (OR=2,1; p=0,052) ou não (OR=1,8; p=0,047), a manifestação de racismo ocasional (OR=2,2; p=0,007), agressão freqüente (OR=2,7; p=0,003), insulto freqüente (OR=2,4; p=0,004), a violência à porta da escola freqüente (OR=4,3; p=0,002) e a violência contra os funcionários freqüente (OR=12,2; p=0,020) (Tabela 3).

Discussão:

Este estudo analisou as alterações de voz do professor da rede municipal de São Paulo e a porcentagem de professores que fizeram referência a manifestar, no presente ou passado, alguma alteração de voz é semelhante à de outras pesquisas realizadas com professores[12,13,14,15] e superior ao encontrado em pesquisas realizadas com a população em geral[16] fato que, mais uma vez, confirma que os professores fazem parte de um grupo de risco para distúrbios vocais.

Da mesma forma, a predominância da mulher na profissão de educar aparece neste estudo como em outras pesquisas que analisam a saúde e o trabalho dos professores[11,17,18]. A feminização do magistério é um fenômeno internacional relatado desde 1800, que está associado à industrialização e à expansão da escolaridade[19].

Em relação ao distúrbio de voz, pode-se afirmar que o fato das mulheres constituírem 92,9% da população pesquisada potencializa a presença de alterações vocais pelas características anatômicas fisiológicas desse sexo, que predispõem à presença de alteração vocal [20,21]. Porém, além do aspecto orgânico, esse dado pode revelar o conflito entre os diversos papéis que a educadora acumula. A docência, carreira onde se encontra valorizada a função materna, é a atividade de trabalho em que esses papéis mais se confundem e podem conduzir a uma sobrecarga geradora de exaustão[19].

A presença da violência, neste contexto, acrescenta uma carga a mais no trabalho da professora, que se sente continuamente fragilizada e desmoralizada. Seligmann-Silva (1994)[22] aponta que o esgotamento originado no trabalho tem origem, principalmente, na associação dos sentimentos de responsabilidade e culpa, sendo a transposição família/trabalho origem ou incremento de tensões.

Pode-se afirmar que, quanto às situações de violência pesquisadas, várias estão presentes no cotidiano dos professores estudados e a relação com os sintomas vocais se fez presente, principalmente relacionada à menção aos três sintomas analisados. O sintoma de cansaço ao falar, porém, se manteve, mesmo frente ao ajuste de sexo e tempo de profissão.

Esse cansaço ao falar pode estar relacionado ao uso da voz e também a um quadro geral de cansaço, pelo fato de ser a docência uma das profissões que mais causa desgaste emocional e *stress* e os mecanismos de defesa psicológica surgem como uma estratégia natural do próprio organismo que se resguarda das adversidades[23].

Codo e Vazques-Menezes (1999)[24] fazem referência ao professor como sendo um dos profissionais freqüentemente portadores da Síndrome de Burnout. Segundo os autores, essa Síndrome é uma resposta ao *stress* ocupacional crônico e caracterizada pela desmotivação, ou desinteresse, mal estar interno, insatisfação ocupacional que parece afetar, em maior ou menor grau, essa categoria ou grupo profissional. Condutas negativas, como por exemplo, a deterioração do rendimento salarial, a perda de responsabilidade, atitudes passivo-agressivas com os outros e perda da motivação, estão presentes, relacionados tanto a fatores internos, na forma de valores individuais, como a externos, na forma das estruturas organizacionais, ocupacionais e grupais. Tais conseqüências podem ser explicitadas do ponto de vista pessoal, e também do ponto de vista institucional, explicados pelo absenteísmo, diminuição do nível de satisfação profissional, aumento das condutas de risco, inconstância de empregos e repercussões na esfera familiar. Frente ao registro desses mecanismos, colocam-se em risco muitas situações que poderiam se converter em verdadeiras fontes de aprendizado e trocas para todos[25].

A crise da autoridade docente parece ser o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar. Observa-se que, entre os fatores estatisticamente associados à presença de distúrbio de voz neste estudo, destacam-se aqueles que representam violência direta contra o professor, como manifestação de racismo, agressão, insulto, violência à porta da escola e violência contra os demais funcionários, mais do que contra a instalação física ou aos materiais escolares. Esses resultados indicam que os educadores tornam-se, gradativamente, reféns das ações cotidianas que instalam medo, humilhação e ressentimento.

Na atualidade, o papel do professor ampliou-se para além da sala de aula, e extrapola a mediação do processo de conhecimento do aluno, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade[26]. Os educadores são compelidos a buscar os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas, cada vez mais complexas, uma vez que a administração escolar não fornece tais subsídios.

A deterioração do rendimento salarial, a perda de responsabilidade, atitudes passivo-agressivas com os outros e perda da motivação, estão presentes, relacionados tanto a fatores internos, na forma de valores individuais, como a externos, na forma das estruturas organizacionais, ocupacionais e grupais.

A presença de sintomas vocais, como os aqui estudados, evidencia a exposição a condições adversas de trabalho e, pela falta de conhecimento de como a voz é produzida e quais os fatores que interferem nessa produção, não consegue reverter o seu quadro de adoecimento. Em sua formação, nenhuma atenção é dada para que ele saiba como cuidar de sua voz e como utilizá-la como um recurso potente na condução da relação com seus alunos.

A voz do professor tem sido cada vez mais um dos principais instrumentos utilizados na mediação entre seus alunos. O empenho das instituições governamentais para capacitar e instrumentalizar esse profissional parece ser mais lento do que do que a própria necessidade do professor. Em sua formação nenhuma atenção é dada para que ele saiba como cuidar de sua

voz e como utilizá-la como um recurso potente na condução da relação com seus alunos. Dessa forma, o mesmo vê-se sem condições de reverter o quadro que se apresenta. Concordando com Aquino (1998)[2], a escola nos dias de hoje tem-se apresentado cada vez mais como um espaço de confrontos e dessa forma é possível supor o padecimento e conseqüente adoecimento por parte daqueles que nela estão inseridos.

A crise da autoridade docente parece ser o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar, e essa autoridade, pela própria falta de preparo do professor, é canalizada na maioria das vezes na voz. O gritar ao pedir atenção e tentar manter a disciplina, o uso de uma expressão vocal que impõe um fazer imperativo a seus alunos, ou o falar sem parar para garantir seu turno são alguns dos exemplos que evidenciam as ações vocais usadas pelo professor no seu cotidiano. A presença de sintomas vocais como os aqui estudados evidenciam que esse profissional está exposto á condições adversas de trabalho e, pela falta de conhecimento de como a voz é produzida e quais os fatores que interferem nessa produção, não consegue reverter o seu quadro de adoecimento.

Seria reducionista o encaminhamento de que apenas essa qualificação bastasse. Porém, ao ser sensibilizado quanto ao seu próprio corpo e as possibilidades da voz se produzir, dentro de uma visão macro, em que a percepção de fatores ambientais e organizacionais estariam envolvidos, certamente o professor teria mais condições de se colocar frente as situações e propor, com os demais atores sociais que circulam nas dependências da escola, possíveis soluções.

Por outro lado, a intervenção do fonoaudiólogo junto aos professores, principalmente nas ações de promoção de saúde e prevenção de alterações vocais, tem, nos últimos anos, priorizado questões relacionadas apenas à manutenção de hábitos saudáveis de uso vocal, com a realização de exercícios de aquecimento vocal. Sem descuidar desses aspectos, os achados desta pesquisa alertam para a necessidade de se ter um olhar mais amplo e atento para as condições organizacionais do trabalho,

especificamente, neste caso, às questões de violência, que podem contribuir para o aparecimento de sintomas vocais.

Diante do exposto, não se tem dúvida de que algo deva ser feito para reverter à situação. O desafio é saber quais políticas terão de ser planejadas de forma a que se atinjam os objetivos. Segundo Gonçalves e Sposito (2002)[6], alguns tentam mobilizar educadores a inscrever suas escolas ou mobilizarem seus alunos para participar de projetos de redução da violência; outros buscam iniciativas de abertura da escola para maior participação da comunidade; ou ainda propõem um conjunto de práticas preventivas que colaborariam para afastar crianças e jovens dos caminhos da delinqüência e da criminalidade.

Talvez, uma forma mais imediatista para reverter o quadro anteriormente exposto, e contar com a parceria da Fonoaudiologia, seria incorporar, ao fazer dos fonoaudiólogos, a proposta dos autores anteriormente mencionados[6]: em primeiro lugar, colocar-se diante dos professores não como quem domina o saber e quer ditar a forma como eles deveriam agir diante dos alunos, mas cooperar, isto é, trabalhar ao seu lado e buscar compreender cada situação específica; em segundo lugar, resgatar a auto-estima do professor, e compreender, de um lado, seus limites, suas frustrações e sua perplexidade diante da violência que ocorre na escola; de outro, sua percepção sobre seus problemas de voz, e procurar sempre valorizar os esforços em busca de uma prática pedagógica significativa; e, por último, considerar o professor como parceiro do diálogo em que, juntos, seja possível construir algo novo.

Conclusão

Neste estudo, confirmou-se que, em professores do ensino fundamental e médio, situações de violência estão associadas à presença dos sintomas vocais de rouquidão, garganta seca e cansaço ao falar, independente de fatores como idade, sexo e tempo de exercício profissional.

Tabela 1. Número e porcentagem de professores segundo a referência de presença de alteração vocal e violência ocorrida dentro da sala de aula.

variável	Categoria	n (total)	alteração vocal n º (%)	p *
roubo de objetos pessoais	Não	215	133 (61,9)	0,550
	Ocasional	130	73 (56,2)	
	Freqüente	50	31 (62,0)	
roubo material escolar	Não	204	122 (59,8)	0,904
	Ocasional	125	74 (59,2)	
	Freqüente	64	40 (62,5)	
indisciplina na sala de aula	Não	120	68 (56,7)	0,138
	Ocasional	116	64 (55,2)	
	Freqüente	161	106 (65,8)	
ameaça ao professor	Não	288	162 (56,3)	0,043
	Ocasional	71	50 (70,4)	
	Freqüente	39	27 (69,2)	

p*: teste de associação pelo qui-quadrado

Tabela 2. Número e porcentagem de professores segundo a referência de presença de alteração vocal e violência ocorrida no ambiente escolar.

variável	categoria	n (total)	alteração vocal n º (%)	p *
depredações	não	203	126 (62,1)	0,276
	ocasional	123	68 (55,3)	
	freqüente	71	47 (66,2)	
intervenção da polícia	não	301	180 (59,8)	0,959
	ocasional	70	42 (60,0)	
	freqüente	16	9 (56,3)	
roubo por aluno fora da escola	não	295	174 (59,0)	0,426
	ocasional	65	38 (58,5)	
	freqüente	28	20 (71,4)	
manifestação de racismo	não	287	161 (56,1)	0,029
	ocasional	77	56 (72,7)	
	freqüente	27	17 (63,0)	
brigas	não	188	107 (56,9)	0,153
	ocasional	111	65 (58,6)	
	freqüente	101	69 (68,3)	
agressões	não	222	125 (56,3)	0,009
	ocasional	112	64 (57,1)	
	freqüente	68	52 (76,5)	
alunos armados	não	330	198 (60,0)	0,239
	ocasional	54	31 (57,4)	
	freqüente	12	10 (83,3)	
insultos	não	218	120 (55,0)	0,029
	ocasional	105	64 (61,0)	

	freqüente	76	55 (72,4)	
violência à porta da escola	não	254	147 (57,9)	0,005
	ocasional	104	59 (56,7)	
	freqüente	39	33 (84,6)	
violência contra os funcionários	não	301	175 (58,1)	0,042
	ocasional	83	52 (62,7)	
	freqüente	13	12 (92,3)	
violência sexual	não	348	205 (58,9)	0,328
	ocasional	44	30 (68,2)	
	freqüente	5	4 (80,0)	
problemas de drogas	não	244	147 (60,2)	0,192
	ocasional	94	52 (55,3)	
	freqüente	57	40 (70,2)	
pichações	não	176	101 (57,4)	0,282
	ocasional	97	65 (67,0)	
	freqüente	122	72 (60,3)	

p*: teste de associação pelo qui-quadrado

Tabela 3. Análise dos fatores associados à referência de presença de alteração vocal e violência ocorrida no ambiente escolar.

variável	categoria	ORajustada*	p **
ameaça ao professor	não	1,0	
	ocasional	1,8	0,047
	freqüente	2,1	0,052
manifestação de racismo	não	1,0	
	ocasional	2,2	0,007
	freqüente	1,5	0,382
agressões	não	1,0	
	ocasional	1,0	0,952
	freqüente	2,7	0,003
insultos	não	1,0	
	ocasional	1,3	0,277
	freqüente	2,4	0,004
violência à porta da escola	não	1,0	
	ocasional	1,0	0,945
	freqüente	4,3	0,002
violência contra os funcionários	não	1,0	
	ocasional	1,2	0,407
	freqüente	12,2	0,020

*OR ajustada por sexo e tempo de trabalho.

p**: teste de Wald

Referências Bibliográficas

Abramovay, M. Violencia en las escuelas: Un gran desafío. **Revista Iberoamericana De Educación**. 2005; 38 : 53-66

Aquino JG. A violência escolar e a crise da autoridade docente **Cad. CEDES** v.19 n.47 Campinas dez. 1998

Codo W. (coord.). **Educação:** carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

Codo W, Menezes I. **As Relações entre a escola, a vida e a qualidade de ensino [Relatório técnico]**. Brasília: CNTE, 2001.

Minayo MCS. et al. **Fala galera**. Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

Gonçalves LAO, Sposito, MP. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cad. Pesqui. [online]**. 2002, no. 115 [citado 2006-09-06], pp. 101-138. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100

Mattos, AP. **Pra tudo tem os dois lados**: implicações ético-políticas da negociação de versões sobre violência numa escola municipal de ensino fundamental de São Paulo. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: PUC-SP; 2005

Centro de Vigilância em Saúde. Distúrbios de voz relacionados ao trabalho. **Boletim epidemiológico paulista**. São Paulo, n. 26, fev/2006. Disponível em: <http://www.eve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa26_dist.htm>. Acesso em: 20 jul. 2007.

Simões M, Latorre MRDO. **Alteração vocal em professores**: uma revisão. J. Brasileiro de Fonoaudiologia 2002. 3(11), p.127-134.

Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, Karmann DF. Condições de Produção Vocal de Professores da Rede do Município de São Paulo. **Rev Dist da Comunicação**. 2003; 14 (2):275-308.

Dragone ML, Behlau, M. Fonoaudiologia brasileira e a voz do professor: olhares científicos no decorrer do tempo. **Rev Fonoaudiologia Brasil**. 2006; 4 (2):1-3

Smith E, Lemke J, Taylor M, Kirchner HL, Hoffman H. Frequency of voice problems among teachers and other occupations. **J Voice** 1998; 12(3): 480-8.

Roy N, Merrill RM, Thibeault S, Parsa RA, Gray SD, Smith EM. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. **J Speech Lang Hear Res.** 2004; 47 (2):281-93.

Preciado J, Perez C, Calzada M, Preciado P. Prevalence and incidence studies of voice disorders among teaching staff of La Rioja, Spain. Clinical study: questionnaire, function vocal examination, acoustic analysis and videolaryngostroboscopy**. Acta Otorrinolaringol Esp.** 2005; 56 (5):202-10.

Sliwinska-Kowalska M, Niebudek-Bogusz E, Fiszer M, Los-Spychalska T, Kotylo P, Sznurowska-Przygocka B, Modrzewska M. The prevalence and risk factors for occupational voice disorders in teachers. **Folia Phoniatr Logop** 2006; 58(2): 85-101.

Roy N, Merrill RM, Gray SD, Smith EM. Voice disorders in the general population: prevalence, risk factors, and occupational impact. **Laryngoscope**. 2005 ;115 (11):1988-95.

Silvany-Neto A, Araújo TM, Reis E, Kavalkievicz C. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. **Revista Baiana de Saúde Pública**. 2000. 24 (1/2): 42-56.

Schwarz K, Cielo CA A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.** 2005; 10 (2): 83-90.

Hypolito, AM. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero.** Campinas: Papirus; 1997.

Hammond, Th Zhou, R Hammond, Eh, Pawlak, A Gray, Sd The intermediate layer: a morphologic study of the elastin and hyaluronic acid constituents of normal human vocal folds . **J Voice.** 1997; 11 (1); 59-66.

Smith ,E.; Kirchner, H.L.; Taylor, M.; Hoffman,H. Lemke, J. Voice problems among teachers: differences by gender and teaching characteristics. **J. Voice**, 1998 12: 328-334.

Seligmann-Silva, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Cortez; 1994.

Pereira LP. **Voz e Stress no Cotidiano de Professoras Disfônicas.** [Dissertação de Mestrado] São Paulo: PUC-SP; 2004.

Codo W, Vazques-Menezes, I. O que é burnout? In: Codo W. (Coord.). **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília, DF: CNTE; UnB, 1999.

Naujorks, MI. Stress e inclusão: indicadores de stress em professores frente a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. **Cadernos de Educação Especial** 2002; 20: 117-126 http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=56726&type=P

Gasparini, SM, Barreto, SM, Assunção, AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educ. Pesqui. [online].** 2005, vol. 31, no. 2 [cited 2008-01-05], pp. 189-199. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1517-9702. doi: 10.1590/S1517-97022005000200003